



Alfabetização Humanizadora

BOLETIM ESPECIAL
EDIÇÃO de HOMENAGEM
DEZ 2023

Veze e voz às crianças!



Lara Tamashiro Webber, 9 anos – São Paulo

EDITORIAL

POR QUE UMA EDIÇÃO ESPECIAL DEDICADA A FREINET?

Por *Dagoberto Buim Arena*

A pergunta posta como título exige obrigatoriamente respostas convincentes. Os leitores conhecedores da obra de Freinet e do movimento nacional e internacional que projeta seu nome sabem da importância desse educador em sua formação e em sua prática docentes. Para os leitores que apenas ouviram seu nome ser citado aqui e ali, é necessário elaborar respostas aprofundadas. Elas não virão todas neste editorial, porque não é esta a sua função. Virão espalhadas pelas demais seções deste Boletim.

A história de Freinet, sua obra registrada por ele mesmo em livros, boletins e brochuras, suas criações pedagógicas, seu legado como professor na região dos Alpes Marítimos, na região de Nice, no sul da França, a formação política e humanizadora de seus alunos e seu prestígio mundial o elegeram como o educador merecedor de um Boletim Especial do NAHum.

Antibelicista convicto, convocado para os combates da Grande Guerra (1914-1918), viu-se submetido às ordens militares para matar ou para morrer. Estilhaços em seu pulmão o levaram para a linha tênue entre a morte e a vida. A vida venceu, e Freinet pôde recuperar, pouco a pouco, os ensinamentos e as reflexões que o acompanharam cotidianamente, na juventude, nos bancos

da escola de formação de professores, a Escola Normal.

Inquieto e insubmisso, desvinculou-se, pouco a pouco, dos liames da tradição escolar que pregava o conservadorismo pedagógico e a devoção aos temas belicistas. Orientou-se em direção ao amor entre os seres humanos, entre os seres humanos e os animais, entre o seres humanos e a natureza de que dela é parte.

Com esses princípios na cabeça, um giz na mão (como Glauber Rocha com sua câmera), uma ardósia pregada na parede de uma sala, uma tipografia recondicionada e a natureza exuberante, Freinet criou uma Pedagogia e, acima de tudo, fez das crianças que passaram pela sua vida homens humanizados em mundo europeu dominado pelo nazifascismo da Segunda Grande Guerra e impregnado pela vulnerabilidade dos escombros físicos, morais e intelectuais do pós-guerra.

Freinet desmontou, metaforicamente, as paredes de sua escola para que a vida se reencontrasse nela, com as crianças que a ela pertenciam, mas sequestradas eram pela tradicional organização escolar. Freinet abriu as portas para que a mente das crianças vinculasse vida e educação e, deste modo, sem metáforas, verdadeiramente, se humanizassem.

UM POUCO DE HISTÓRIA

ÉLISE E CÉLESTIN FREINET: UM CASAL MILITANTE EM DEFESA DE UMA PEDAGOGIA HUMANIZADORA

Por Adriana Pastorello Buim Arena



Élise e Célestin Freinet



A escola Freinet de Vence

Fonte: Arquivo pessoal de Madeleine Freinet, disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Élise e Célestin Freinet, professores militantes, construíram uma escola em Vence, uma pequena cidade da França. Não apenas com tijolos e cimento levantaram o prédio escolar, mas, com suas ideias humanizadoras e ousadas, lançaram para o mundo inteiro os fundamentos de uma pedagogia que hoje nomeamos Pedagogia Freinet.

Nessa missão que me foi incumbida pelo NAHum, de apresentar o casal, decidi mostrar ao público, leitor da língua portuguesa, a forma como o site da escola de Vence apresenta seus fundadores: informações históricas datadas e excertos de obras que se referem aos dados expostos, seguidos do título e ano em que essas obras foram escritas, com exceção de alguns deles que não apresentam a referência esperada. Os leitores que leem francês poderão abandonar a leitura desta seção e ler todos os dados aqui veiculados no endereço [<https://www.ecolefreinetvence.com/>](https://www.ecolefreinetvence.com/).

Neste espaço, apresento recortes e a livre tradução dos dados ali encontrados. Todas as imagens dispostas no site são do acervo pessoal de Madeleine Freinet, filha do casal. Recomendo a visita para que possam conhecer todas as outras abas do site que não serviram de fonte para este texto.

A Escola Freinet de Vence é hoje pública e considerada um patrimônio francês. Nas tradicionais Jornadas do Patrimônio, que acontecem em setembro, a escola é aberta a todos para visitação, assim como são todos os outros patrim nios históricos

Quem foi Célestin Freinet?



Dans le bureau de la Coop rative   Saint-Paul.

Fonte: Arquivo pessoal de Madeleine Freinet, disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896 na pequena aldeia de Gars. Ele ingressou na Escola Normal de Nice em 1913, mas, ao completar 18 anos e ainda sem ter terminado o curso Normal, foi convocado, em 1915, para ingressar na Escola Militar Especial de Saint-Cyr, para combater no front da Grande Guerra. Depois de um grave ferimento à bala no pulmão, em 1917, durante a ofensiva do *Chemin des Dames*, ele foi reconhecido como incapacitado de guerra e recebeu a medalha militar.



Fonte: Arquivo pessoal de Madeleine Freinet, disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Entretanto, não aceitou a aposentadoria de inválido e, em 1920, foi designado para a escola Bar-sur-Loup, mas suas dificuldades respiratórias o impediam de realizar seu trabalho como lhe foi ensinado do modo tradicional: dando aulas expositivas e conversando constantemente. Sua condição física e sua insatisfação com o modelo educacional o fizeram buscar novas técnicas de trabalho, de uma pedagogia em que o chamado do mundo tivesse precedência sobre a escolástica, “*abrindo a escola à vida*”.

“Quando voltei da Grande Guerra em 1920, eu era apenas um pulmão ‘gloriosamente ferido’, enfraquecido, sem fôlego, incapaz de falar na aula por mais do que alguns minutos. Apesar da minha respiração comprometida, eu poderia, talvez, com outra pedagogia, fazer um trabalho que eu amava, mas para dar lições às crianças que não ouvem e não entendem (seus olhos vagos o dizem com bastante eloquência), para parar a cada momento para chamar à ordem os sonhadores e o indisciplinado com apóstrofos tradicionais, foi um esforço desperdiçado no ambiente confinado de uma turma que levava a melhor sobre minhas possibilidades fisiológicas. Como o afogado que não quer afundar, foi preciso encontrar uma maneira de sobreviver. Foi para mim uma questão de vida ou morte.” Célestin Freinet, 1964, extrato de “As técnicas Freinet da escola Moderna”.

A Educação Nova



Fonte: Disponível no site

<https://www.ecolefreinetvence.com/>

Numa Europa traumatizada pela Primeira Guerra (1914-1918), vários educadores acusavam a escola de ter sido responsável por esse desastre, por ter formatado e preparado bravos soldadinhos para a obediência, para o patriotismo e para o sacrifício. Para eles, a educação parecia ser a única possibilidade de mudar o mundo. Foi neste contexto que Adolphe Ferrière fundou o movimento da Escola Ativa, em oposição à escola sentada, que Maria Montessori e Ovide Decroly abriram para colocar a criança no centro da pedagogia. Célestin Freinet, então, pensou em ferramentas para a liberdade de expressão; ele não estava sozinho, porque participava do movimento da Educação Nova!

Em 1921, escreveu seus primeiros artigos na revista Escola Emancipada e participou do primeiro congresso da “Liga Internacional para a Educação Nova”. Adolphe Ferrière convocou os professores de diversos países para

se reunirem. Em 1923, Freinet participou do 2º congresso da Liga em Montreux, na Suíça, no qual os grandes mestres da época se encontraram. Sob liderança de Lenin, a União Soviética trabalhava para estabelecer uma “nova educação”. Em 1925, um ano após a morte desse líder, Freinet foi convidado a visitar a URSS para observar escolas-laboratório. Ele ficou seduzido pelo que viu e escreveu, ao retornar, “Um mês com crianças russas”.

“Mas assim que me vi sozinho na minha turma, sem suporte e sem o apoio moral dos pensadores que eu admirava, senti-me desesperado: nenhuma das teorias lidas e ouvidas poderia ser transposta para a escola da minha aldeia. As únicas conquistas dignas de nota foram as de certas escolas novas da Alemanha ou da Suíça que, com um número reduzido de alunos e uma profusão de educadores escolhidos, funcionavam em condições que nada tinham que se comparar com aquelas pelas quais tive de passar.

Fui obrigado a regressar, o melhor que pude, às técnicas e ferramentas tradicionais, a fazer lições que ninguém entendia, a ler textos que, mesmo sendo simples, nada significavam no futuro educativo das crianças.

Tive que, nesse clima exaustivo, lutar para tentar, como um palhaço sem talento, reter artificialmente por um momento a atenção fugaz dos meus alunos”. Célestin Freinet, 1964, extrato de “As técnicas Freinet da escola Moderna”.

Aulas-passeio

Freinet ouviu falar de aulas-passeio que estavam sendo experimentadas no movimento da Educação Nova. Isso foi o que ele chamou de sua “tábua de salvação”. O princípio desta atividade consiste em sair da sala de aula para explorar o ambiente imediato e familiar da criança para estudá-lo e utilizá-lo como meio de trabalho.

“Em vez de cochilar em frente a um quadro de leitura, quando regressavam à tarde para as aulas, íamos para os campos que margeavam a aldeia. Admirávamos os gestos metódicos do ferreiro, do carpinteiro, do tecelão. [...] Observávamos o campo nas diferentes estações do ano. [...] Já não examinamos mais didaticamente a flor ou o inseto, a pedra ou o riacho que nos rodeia. Nós os sentimos com todo o nosso ser”.

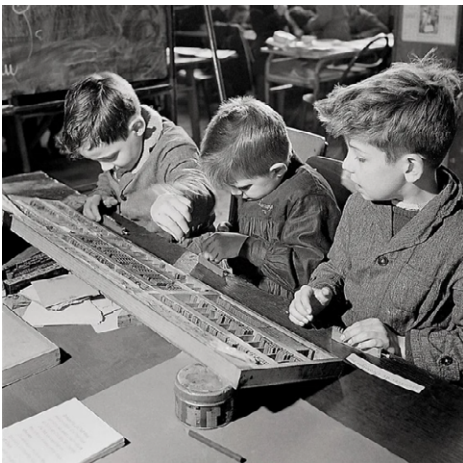
“Trouxemos nossas riquezas: fósseis, amentilhos de avelã, argila ou um pássaro morto... [...] Quando voltamos para a sala, escrevemos no quadro o relato do “passeio”. [...] Mas a vida parou nessa primeira fase. Na falta de novas ferramentas e técnicas adequadas, não tive outros recursos, para ensinar a leitura de um texto impresso, a não ser

dizer em tom resignado: “Agora, pegue o seu livro de leitura página 38...” E enquanto líamos uma página igualmente estranha para interesse das crianças e do professor, ainda tínhamos na cabeça, vivas e significativas, as imagens do passeio”.

A imprensa e o texto livre

Foi, então, que Freinet teve a ideia de incorporar em sua aula o que lhe permitiria realizar seu desejo: fazer relatórios de aulas-passeio, textos livres infantis e materiais de leitura cativantes.

“Disse então a mim mesmo: ‘Se eu pudesse, usando um equipamento de impressão adaptado à minha classe, traduzir o texto vivo, a expressão do passeio em páginas escolares que substituiriam as páginas do livro didático, encontraríamos, pela leitura impressa, o mesmo interesse profundo na preparação do próprio texto. Era simples e lógico, tão simples que fiquei surpreso por ninguém ter pensado nisso antes de mim. Então, eu estava tentando realizar meu sonho”.



Fonte: Arquivo pessoal de Madeleine Freinet, disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

“As crianças ficaram apaixonadas pela composição e pela impressão. [...] Esse texto havia sido fundido em metal e impresso. E todos os espectadores, principalmente o autor, se emocionaram ao verem sair o impresso, ao verem o texto ampliado que agora assumia o valor de testemunho. O pensamento e a vida da criança poderiam agora tornar-se elementos importantes de sua cultura”.

“Desde o início, através da intuição e do bom senso, confiei nas crianças. E eu estava certo. Se no início eu lhes tivesse pedido que imprimissem textos de adultos estranhos às suas próprias vidas, eles rapidamente se cansariam da novidade que lhes ofereci, tal como se cansam do lindo e

novíssimo manual [...]

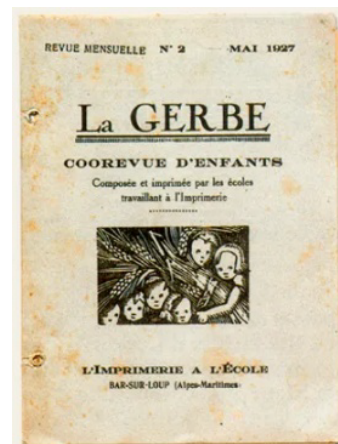
Eu tinha jogado a semente. Ajudei-a a florescer para demonstrar que a necessidade de criação e expressão é uma daquelas ideias poderosas sobre as quais se pode construir uma renovação educativa incomparável. O futuro provaria que eu estava certo.” Célestin Freinet, 1964, extrato de “As técnicas Freinet da escola Moderna”.

Em 1926, apareceu o primeiro número do boletim mensal da cooperativa de ajuda mútua A imprensa na Escola.



Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

No mesmo ano, Freinet casou-se com Élise Largier-Bruno que seria sua principal colaboradora ao longo de sua vida. Com ela, a arte em liberdade entra na escola. O primeiro congresso de impressão escolar teve lugar em Tours em 1927. Nesse mesmo ano, surgiu La Gerbe, a primeira revista escrita e ilustrada por crianças!



Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

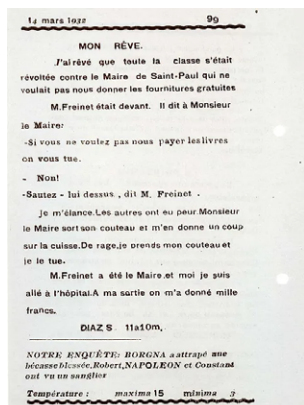
O caso de Saint Paul

Freinet lecionava na pequena escola de Saint Paul de Vence desde 1928. A situação era cada vez mais

conflituosa com a Câmara Municipal, nomeadamente devido às divisões políticas comunistas/nacionalistas e à rejeição da pedagogia proletária estabelecida por Freinet pelo município que lhe era hostil por razões políticas.

As tensões intensificaram-se à medida que o município se recusava a conceder a ajuda financeira necessária ao bom funcionamento da escola. Freinet dizia que ele mesmo varria sua classe, serrava e rachava a lenha, emprestava seus vasilhames para buscar a água necessária à higiene no chafariz público. Ele multiplicava as reclamações e pedia ao município que cumprisse com as suas obrigações. Em vão. O prefeito continuava a travar a situação ao impedir o funcionamento do Fundo Escolar que permitia financiar parcialmente as despesas com suprimentos ou material escolar.

Além disso, a liberdade de expressão que Freinet promovia em sua aula era perturbadora. Ele conseguia aplicar sua pedagogia em Saint-Paul, mas, um dia, um texto infantil publicado no jornal da turma por seus alunos causou escândalo e incendiou tudo. Freinet foi acusado de incitar a violência: o aluno relata um sonho em que mata o prefeito por não conceder auxílio à escola.



Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

1934: Construir “uma escola nova”

Após o “caso Saint Paul”, Freinet renunciou ao ensino público. Deixou Saint Paul e foi para Vence, onde queria construir a “escola nova”. A “L’École Freinet” abriu oficialmente as suas portas em 1935. O casal queria fazer dela uma escola para o povo. Em 1937-1938, a Escola Freinet acolheu crianças espanholas refugiadas da Guerra Civil da Espanha. A escola tornou-se sua terra de asilo diante de inúmeras dificuldades materiais e financeiras.

1940-1945: em guerra

Como muitos militantes comunistas, Freinet foi alvo de crescente vigilância policial durante vários anos. No dia

20 de março de 1940, após diversas buscas nas dependências da escola e da cooperativa Freinet, ele foi preso pela polícia francesa de Vichy, a serviço dos alemães. Foi internado nos campos de Var, Ardèche, Tarn. Depois de libertado em 31 de outubro de 1941, juntou-se a Élise, em Vallouise, onde foi colocado em prisão domiciliar sob vigilância policial. De 1940 a 1943, o tempo da inação tornou-se o tempo da escrita. Nos campos como em Vallouise, Freinet construiu sua obra.

Ao mesmo tempo, continuou as suas funções de educador, escreveu cartas, organizou cursos, iniciou alfabetos, publicou jornais. Participou da organização da resistência e do Maquis FTP de Beassac (grupo de luta contra os nazistas). Participou direta e decisivamente de todas as operações de guerra na região, no acolhimento de refugiados, na reorganização econômica e administrativa da retaguarda.

1945 – 1966

Em 1945, o casal Freinet regressou a Vence e reabriu as portas da sua escola no início do ano letivo.

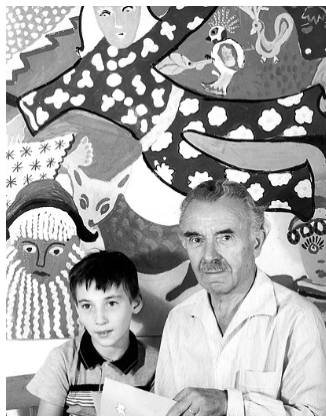
“Estamos começando do zero. Devido ao meu isolamento, a nossa escola em Vence foi abandonada e saqueada. Tudo o que resta são as paredes. Mas o equipamento da Cooperativa, empilhado pela polícia nas instalações fechadas, será, apesar da umidade e dos ratos, parcialmente salvo.”

Em 1945, a escola acolheu crianças vítimas da guerra, ao final da qual Freinet propôs um “plano para a modernização do ensino primário”.

“Destacamos as pontes destruídas, os portos sabotados, os vagões raros [...] mas nunca insistimos o suficiente na situação catastrófica do material humano. E mesmo que percebamos o declínio fisiológico da infância hoje, praticamente não damos importância à situação intelectual e moral desta mesma juventude. [...] Então, numa escola finalmente modernizada [...], a criança poderá preparar-se intelectual, moral, social e tecnicamente para viver como homem e cidadão consciente.”

Em 1947, foi criado o Instituto Cooperativo da Escola Moderna, sob a liderança de Freinet. Militantes e assinantes de revistas chegaram a milhares. Freinet dirigiu a CEL (Cooperativa da Escola Laica), animou os Congressos, editou as revistas. O movimento continuou a ganhar impulso. Em 8 de outubro de 1966, Freinet morreu em Vence, com quase 70 anos. Ele está enterrado em Gars,

sua aldeia natal. Atualmente, ele continua sendo um dos maiores professores do século XX.



Fonte: Arquivo pessoal de Madeleine Freinet, disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Quem foi Élise Freinet?

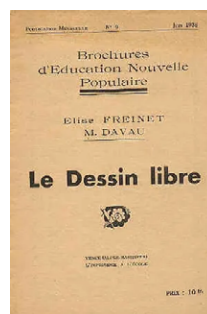
“A arte se justifica aos nossos olhos, como o pão para quem tem fome ou como a água para quem tem sede”.



Fonte: Arquivo pessoal de Madeleine Freinet, disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Élise Freinet nasceu Virginie Élise Lagier-Bruno em 1898, em Pelvoux. Professora titular desde 1920, ela teve ideias revolucionárias desde que ingressou na Escola Normal de Gap. Conheceu Freinet em 1925 e casou-se com ele em 1926. Ela teve um papel extremamente importante na criação de sua obra. Além de enriquecer e apoiar o trabalho do marido, Élise trouxe ao movimento da Escola Moderna uma dimensão original no campo artístico.

Como artista, a sua experiência de desenho e de pintura livre formou um todo que se integrou no que Célestin chamou de livre expressão da criança. Ela teorizou e escreveu seus pensamentos em inúmeras obras.



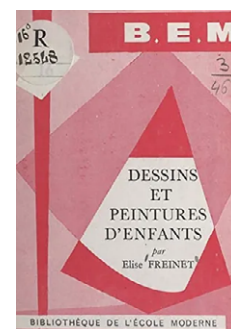
1938



1948



1949



1962

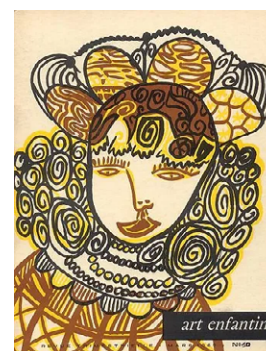
Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

“Desenhar deveria ser um exercício tão geral quanto falar, contar, pensar, cantar. É um exercício legítimo em qualquer ocasião, em fluxo contínuo”.

“A arte infantil não postula a beleza, mas o triunfo da vida”.

Em 1955, foi organizada uma exposição de desenhos livres de crianças camaronesas em Vence.

Picasso, emocionado com a exuberância e a qualidade dessas criações, assinou suas felicitações em algumas obras. Élise também se preocupou com a divulgação desse método educativo. Ela criou a revista “Arte Infantil” em 1959.



Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Ela recebeu incentivo e apoio de artistas como Cocteau, Lurçat e Dubuffet com quem esteve próxima e com quem trocou experiências.

“É pela observação de obras de grandes mestres e desenhos infantis que nos colocaremos resolutamente a salvo do déjà vu. »

Desenho e pintura de crianças, 1966

Nas décadas de 1950 e 1960, ela criou o Museu de Arte Infantil em Coursegoules. Há muito que Élise desejava um testemunho mais duradouro das criações infantis. Ela teve a oportunidade de adquirir e reformar uma casa de aldeia em Coursegoules. Em 1962, assim que os pedreiros fizeram o essencial, as crianças da escola Freinet conceberam e criaram, com a ajuda da professora Malou Bonsignore e os conselhos de Élise, toda a decoração interior e exterior da casa.



O mundo, professora: Paulette Quarante.



A vila de Maubec (Vaucluse), professora: Aimée Vialis.



Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Em 1964, ela publicou sua belíssima obra, *A Criança Artista*. Esse livro contém reproduções de desenhos infantis, gravuras, esculturas, bordados e cerâmicas feitos por crianças.

“Aos poucos, eles também vão entendendo que desenhar não é perder tempo, pelo contrário, é conquistá-lo, porque esta necessidade exigente, de fazer as coisas com gosto e atenção aos detalhes é encontrada em outras disciplinas e facilita a atividade criativa em todas as suas formas”. (Extrato do livro *A criança artista*, 1964).

Após a morte de Célestin em 8 de outubro de 1966, Élise continuou a escrever. Foi diretora do Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), mas as suas relações com ele deterioraram-se rapidamente. Ela contestou certas práticas desse movimento, ao qual, no entanto, ela deu muita contribuição. Élise morreu em 30 de janeiro de 1983. Atualmente, ela continua sendo a professora que valorizou a arte infantil. Seu legado continua vivo!

Aqui estão algumas imagens publicadas no site do Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), cujas professoras se inspiraram nas práticas deixadas por Élise.

Fonte: <https://www.icem-pedagogie-freinet.org/book/export/html/31741>

Muitas outras informações biográficas do casal Freinet podem ser encontradas em sites e em textos produzidos pelos diversos agrupamentos de professores envolvidos nas ações que chamamos movimento Freinet. O casal iniciou um movimento cooperativo entre professores que existe e resiste até hoje. O espírito dessa organização é a troca, porque o mundo muda, as tecnologias mudam e tudo que entra na classe precisa estar ligado à vida em sociedade, à vida que pulsa. Por isso, a pedagogia Freinet não é um método e não se resume em suas técnicas. Mais que isso, é um ideal de educação, com princípios bem definidos que ajudam o movimento de professores a manter o leme sempre na direção almejada, a da educação proletária. A seção *Mural* deste boletim indicará canais importantes e plenos de referências com as quais vocês poderão ampliar o conhecimento desta proposta de educação humanizadora.

A forma de conceber a criança e a educação no bojo da pedagogia Freinet foi se fazendo ao longo do trabalho realizado nas escolas públicas por onde Célestin e Élise passaram e nessa escola experimental de Vence, onde tiveram a plena liberdade para exercer o tateamento experimental em busca da nova pedagogia baseada na livre expressão.

Atualmente, pelo mundo todo, é possível encontrar escolas ou mesmo classes que fundamentam seu trabalho na pedagogia Freinet. Isso só foi possível porque Élise e Célestin tinham práticas cooperativas. Tudo o que faziam era divulgado para ser apreciado, criticado, melhorado. Este é o espírito do movimento da pedagogia Freinet. Todos os professores que participam dele oferecem para o outro, tido como um companheiro de luta, sua prática realizada com sucesso para ser apreciada, avaliada e melhorada, se for o caso.

Os professores freinetianos brasileiros também participam desse movimento! Conheçam a REPEF – Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet. Basta clicar no link abaixo:

<https://redefreinet.webnode.page/>

CAMINHOS TEÓRICOS QUE SE CRUZAM

VYGOTSKY E FREINET EM DIÁLOGO

Por *Suely Amaral Mello*

Costumo lembrar sempre, em meus textos e nas comunicações que faço, uma leitura de Antonio Gramsci, que fiz há muito tempo, que aponta o compromisso da escola e dos professores e professoras em qualquer nível de ensino: o de formar cada criança e cada aluno para ser um dirigente, independentemente de sua origem, de sua classe social, de seu gênero ou da cor de sua pele – seja um dirigente do país, seja de seus próprios caminhos. E uma questão passou a me intrigar a partir dessa compreensão: como fazer isso? O encontro com os escritos de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano na infância e ao longo da vida me trouxe elementos para compreender a possibilidade de formar crianças e alunos para serem dirigentes: pude perceber que as crianças são capazes, desde que nascem, de estabelecer relações - por meio da audição, do paladar, do tato, da visão - com as coisas que a rodeiam. E, a partir dessas sensações, vão atribuindo um sentido ao que vivem e começam a formar funções psíquicas superiores como a percepção categorial, a memória, depois a fala, o pensamento, mais tarde, a imaginação, o autocontrole da vontade...

E aprendi que, em todo esse processo, há uma relação dialética entre o meio e o sujeito: a criança nasce num meio cultural intensamente povoado de objetos, língua, linguagens, costumes, hábitos dos quais precisa se apropriar no processo de humanizar-se. No entanto, essa apropriação requer da criança um movimento motivado pelo desejo de apropriação. Por isso, é preciso refletir sobre como apresentar esse meio, ou sobre como inserir a criança nesse meio cultural de modo a criar nela o desejo de explorar, conhecer, saber sobre esse meio ou de apropriar-se de um objeto específico desse meio cultural.

No tocante à linguagem escrita, sabemos das dificuldades enfrentadas pela escola no processo de educar crianças para serem leitoras e autoras de seus textos. Essas dificuldades resultam no triste contingente de analfabetos funcionais, apesar de seus muitos anos de escolaridade. Por isso, ganha urgência a discussão sobre como inserir crianças e alunos no universo da cultura escrita de modo a formar pessoas que compreendam o que leem e se expressem por meio de textos.

Sobre esse tema, e trazendo a discussão para os nossos autores, penso que, se Freinet e Vygotsky tivessem

se conhecido, teriam sido, senão amigos, ao menos colaboradores dos estudos e práticas. Fosse hoje, seriam amigos no Facebook ou participariam de um mesmo grupo no WhatsApp. Mas não se conheceram, ainda que tenham compartilhado um mesmo tempo histórico – ambos nasceram em 1896. Mesmo sem se conhecer, eles têm muito em comum. Ambos militaram pela mesma causa: a educação do “homem novo” - do ser humano humanizado em suas máximas possibilidades. Ambos se detiveram a refletir sobre o processo de apropriação da cultura escrita – certamente porque perceberam sua importância na constituição desse homem novo - e deixaram, por um lado, diretrizes teóricas para essa apropriação, como faz Vygotsky, e, por outro, diretrizes teóricas vinculadas a técnicas para a sua concretização, como faz Freinet. As contribuições de ambos – seja numa perspectiva teórica, como a de Vygotsky, seja numa perspectiva teórico-prática, como faz Freinet – são hoje fundamentais para o pensar e o agir por uma educação humanizadora e desenvolvente que é, a cada dia mais urgente, seja para construir um mundo de paz, seja para construir um mundo socialmente justo.

Por isso, antes de destacar o cruzamento dos caminhos de Freinet e Vygotsky em relação à aquisição da cultura escrita, cabe apontar a preocupação e o compromisso de ambos com o processo de humanização que resulta do processo educativo. A educação para a formação de uma inteligência potente e curiosa e de uma personalidade solidária e consciente é compartilhada pelos dois autores, ainda que falem de lugares diferentes: L. S. Vygotsky, um grande estudioso, pesquisador e fundador de uma teoria revolucionária sobre o desenvolvimento humano, que cria as bases para a educação promotora de desenvolvimento em suas máximas possibilidades, e C. Freinet, professor primário, autodidata, estudioso, observador e fundador de uma escola do povo que reúne condições para a formação de crianças curiosas, autônomas, interessadas pelo conhecimento, críticas, com sentimentos de trabalho cooperativo, leitoras e autoras de textos, e protagonistas de sua própria história.

Do ponto de vista da alfabetização humanizadora, ambos são autores matriciais: Vygotsky faz a crítica aos processos de compreender e realizar a apresentação da escrita às novas gerações - processos ainda hoje vigentes, baseados no senso comum - e apresenta diretrizes para a

formação de leitores e autores de seus próprios textos. Freinet também expõe argumentos teóricos a respeito do papel na formação humana, do domínio da linguagem escrita na escola e coloca em prática modos de concretização de seus argumentos sob a forma de técnicas pedagógicas que ficaram conhecidas como técnicas Freinet para a apropriação natural da escrita, presentes em escolas de diversos países do mundo, inspiradoras de propostas como a do Movimento da Escola Moderna Portuguesa.

Sem que tivessem se conhecido, os dois estudiosos dialogam e nós nos beneficiamos desse diálogo. Com eles, construímos a possibilidade de articulação entre teoria e prática pedagógicas. E essa articulação teoria e práticas é fundamental para uma educação de qualidade, pois uma teoria pedagógica sem práticas que a concretizem arrisca-se a se tornar um discurso sobre a teoria, e as práticas sem fundamentação teórica correm o risco de se perderem em espontaneidades didáticas. Assim, enfatizar a importância do diálogo entre esses dois autores e suas contribuições para o pensar e o agir pedagógicos não será jamais um exagero.

Nos próximos parágrafos serão apresentadas algumas diretrizes vygotskianas. O leitor familiarizado com os pressupostos e técnicas de Freinet estabelecerá, de maneira muito clara, os vínculos entre ambos.

Vygotsky afirma a necessidade de abandonarmos as cartilhas – o que vale para apostilas e textos que chegam prontos às mãos das crianças. Afirma que o ensino da escrita deve se basear no desenvolvimento natural das necessidades das crianças; que deve partir de sua própria iniciativa, pois trata-se da expressão de ideias, de experiências vividas. Deste ponto de vista, esse ensino não pode chegar de fora, como uma imposição do professor, como se fosse um exercício técnico que pudesse ser dominado pela mão em conjunto com os olhos e a boca. Com esta perspectiva, apresenta-se a técnica antes de criar na criança a necessidade de ler e de escrever como instrumentos culturais autênticos que têm uma função social e humanizadora.

Com isso, as crianças não escrevem algo para alguém, como requer esse verbo bitransitivo; escrevem para mostrar ao professor que sabem juntar letras para formar palavras e, da mesma forma, leem para mostrar ao professor que sabem traduzir o escrito em som.

Nesta perspectiva, as crianças não se apropriam do sentido humanizador da escrita como instrumento cultural. Saber oralizar sons e ser capaz de desenhar letras de acordo com os modelos impostos pelos professores podem se tornar falsos objetivos a serem alcançados pelas crianças, apenas para que sejam bem avaliadas pela escola.

Para possibilitar a elas a construção de um sentido humanizador para a linguagem escrita, a linguagem viva precisa ocupar o primeiro plano no processo de ensinarmos

a ler e a escrever (Vygotsky, 1995): precisa ser utilizada para responder a uma necessidade das crianças de registrar uma experiência vivida, de modo a se lembrar depois; produzir um bilhete para comunicar algo a alguém; fazer uma solicitação, uma lista das coisas que querem fazer; conhecer a história de um livro cuja capa chama a atenção do grupo, enfim, para responder a uma necessidade de saber, conhecer, lembrar, comunicar. Por isso, podemos inferir que, na escola, a escrita envolve a criação e a leitura de textos, de gêneros textuais. É neste processo que a escrita, para as crianças, se torna uma “necessidade vital imprescindível” (Vygotsky, 1995). Para tanto, as crianças precisam participar de uma comunidade que lê e escreve socialmente: a escola se torna, ela mesma, uma comunidade. A escola de Freinet não é uma verdadeira comunidade?

O grande desafio que Vygotsky coloca para a escola é o de ensinar a linguagem escrita e não o de ensinar a escrever as letras. Nesse sentido, faz uma analogia entre aprender as letras e aprender a tocar piano reproduzindo as notas musicais como um hábito técnico. “Com essa abordagem, a criança desenvolve a agilidade de seus dedos e aprende, lendo as notas, a tocar as teclas, mas estas não a introduzem na natureza da música” (Vygotsky, 1995, p. 183). Com isso, afirma que nem a escrita é um hábito motor, nem a leitura é um hábito senso-motor. Ambas constituem um processo psíquico complexo que resulta de uma complexa atividade cultural. “O domínio da linguagem escrita significa para a criança dominar um sistema extremamente complexo de signos simbólicos” (Vygotsky, 1995, p. 184) que tem início quando o bebê percebe, em sua tentativa malograda de alcançar um objeto, a significação que o adulto lhe atribui de gesto indicativo. Do gesto indicativo à fala, ao desenho, à brincadeira de faz de conta com papéis sociais, até chegar à escrita, a criança vai construindo para si a ideia de signo, a ideia de representação. Esta ideia de representação alcança, com a escrita, uma expressão que se apresenta como um tipo novo e complexo de linguagem. Complexo porque envolve uma dupla representação: enquanto o gesto, a fala, o desenho, a brincadeira de faz de conta representam diretamente o objeto representado, a escrita representa o nome do objeto, ele próprio a realidade.

A escrita requer uma atividade cultural mais ampla: envolve vivências que as crianças tentam relatar que são, portanto, material para a criação de textos. Deste ponto de vista, o processo de ler e de escrever não se dá às margens do processo de humanização, de apropriação da cultura histórica e socialmente produzida em suas expressões mais elaboradas (Vygotsky, 2018; Farias e Mello, 2010). O leitor vê Freinet passando por aqui?

A leitura ainda hoje comum em muitas escolas - em voz alta, para o professor avaliar a capacidade de oralização

e não para a compreensão das ideias expressas no texto - recebe uma crítica definitiva de Vygotsky (1995) ao mostrar que a vocalização da palavra é um obstáculo à compreensão, pois ensina a criança a focar sua atenção na pronúncia e não na compreensão do enunciado. Nas palavras do autor, “A vocalização dos símbolos visuais dificulta a leitura, as reações verbais atrasam a percepção, travam a percepção, fracionam a atenção” (1995, p. 198); o descompasso se estabelece entre o olhar e o vocalizar e freia a velocidade de compreensão. Para compreender, é preciso ter a intenção de buscar sentidos no contexto do enunciado. Em outras palavras, compreender requer perceber a mensagem como um todo, compreender a intenção da expressão do outro. Com essa compreensão, o símbolo visual libera-se cada vez mais do símbolo oral (Vygotsky, 1995; Arena, 2021; Bajard, 2021).

Mas como praticar tudo isso? Ou, como professores e professoras perguntam: O que fazer realmente quando não se usa a cartilha? Como ensinar a ler e a escrever sem começar pelo alfabeto? Como superar a associação entre o nome da letra e sua grafia?

Profundamente comprometido com a humanização de seus alunos, Freinet observa, experimenta e aprende, com seu grupo de crianças ou alunos, formas de trabalho em sala de aula (e fora dela) que fazem, das crianças e dos alunos, sujeitos de decisões, de escolhas e de iniciativas. Ao mesmo tempo, compreende o papel da escola em ampliar o universo cultural da turma. Vygotsky e Freinet marcam um encontro incontornável: ambos compreendem o compromisso da escola de inserir a experiência e a vivência cotidianas no seio da cultura mais elaborada. Freinet faz tudo isso de modo a encantar os alunos pelo conhecimento, respeitando o que nomeou como necessidades vitais das crianças e alunos: agir, descobrir, participar, a livre expressão, criar, organizar-se, ter sucesso, a vida em grupo, comunicar-se (Freinet, 1975). Em outras palavras, faz da atividade, investigada teoricamente pela perspectiva histórico-cultural, o cerne do seu trabalho pedagógico. Esse trabalho não se refere à atividade docente apenas, mas ao fazer de crianças e alunos com o corpo, com a mente e com a emoção.

Num contexto de debates sobre o pensar livre, o questionamento do autoritarismo, a busca de uma nova cultura escolar, Freinet adota um conjunto de técnicas de trabalho pedagógico que privilegiam a ação das crianças e o encontro com a cultura do mundo e do seu território... a cultura como fonte das qualidades humanas de que fala Vygotsky (2018). A concepção de criança capaz, compartilhada por ambos os autores, se concretiza em Freinet pelas práticas que promovem a autonomia, o livre pensar, a produção cooperada do conhecimento e a autogestão. Freinet implanta uma nova cultura escolar que objetiva a educação de uma personalidade solidária e uma inteligência

curiosa, uma inteligência que vai sendo afetada pelo prazer do conhecimento e que cria nas crianças e alunos o desejo de conhecer a partir de processos de conhecimento enraizados na vida, que partem da vida real e voltam a ela num movimento de complexificação do olhar dos alunos.

Em relação à linguagem escrita, o pensamento de Freinet se aproxima das críticas de Vygotsky em relação aos processos que se distanciam da língua viva, para, em contraponto, adotar o enunciado como expressão da vida social, como instrumento de troca entre as crianças e entre elas e a cultura.

Em sua pedagogia, crianças e alunos têm voz, e, por isso, os textos escritos na sala de aula são sempre produzidos pelas crianças, pelos alunos, e registrados pelos adultos quando as crianças ainda não escrevem.

Quando crianças e alunos já escrevem, a produção continua a ser deles com seu próprio registro. Na perspectiva de Freinet, alunos e crianças nunca copiam... leem os textos do mundo, mas escrevem sempre para expressar seus sentimentos, suas descobertas, suas experiências. Freinet, como Vygotsky, critica os métodos de ensino da escrita que se baseiam na decodificação, critica o exercício estéril da fonetização, a ausência das ideias nos processos de oralização e a ausência da expressão nos processos de cópia e de treino da escrita. Em suas práticas, as crianças e os alunos argumentam, fazem escolhas, tomam decisões, levantam hipóteses e fazem teorias a partir da atividade que realizam; vivem intensamente a vida escolar e experiências que os afetam na escola e no território e, por isso, têm sempre muito o que dizer... e o que escrever. Os textos produzidos pelos alunos e crianças respondem sempre a um motivo dentro da atividade que realizam, respondem sempre a um desejo de expressão e têm sempre um interlocutor.

Essas ideias se concretizam no jornal da turma, na correspondência interescolar, no jornal de parede, no livro da vida, no texto livre, nos álbuns que resultam das pesquisas realizadas pela turma, nos livros de história, nos relatos de vivências, nos livros de poemas, etc. criados pela turma. Em todas as situações, crianças e alunos são autores dos textos e, quando necessário, o adulto escreve por eles, mas essa atitude não é a de um antigo escriba, que obedecia ao que ditava o outro, mas a de um professor que ensina enquanto escreve, que faz perguntas, que negocia sentidos, que orienta reflexões, que propõe alternativas para escolhas, que ensina o princípio vigotskiano do rascunho mental.

Convivendo com a produção de textos de diferentes gêneros – e isso desde a educação infantil -, as crianças vão criando para si um sentido para a escrita, isto é, vão vivendo a escrita em sua função social e percebendo por quê, para quem e como se escreve. Mas mais

importante que isso, elas vão criando para si o desejo de ler para saber mais e de escrever para expressar suas ideias e sentimentos.

Quando as professoras e os professores perguntam: e a sistematização, em que momento se faz? Podemos responder a partir da afirmação de Vygotsky de que as crianças podem aprender naturalmente a ler e a escrever numa comunidade que lê e escreve (como a freinetiana), da mesma forma como aprendem naturalmente a falar – sem treino imposto pelo adulto – ao viver numa comunidade que fala. Compreendemos, com esta afirmação, que o processo de sistematização é realizado pela própria criança; não são os adultos que fazem isso por ela. Ao conviver com uma comunidade que lê e escreve – numa escola em que a escrita é utilizada em sua função social e como instrumento de humanização –, a criança observa a escrita dos textos criados por ela e por seus colegas e escritos pelos adultos, compara palavras que vai reconhecendo e palavras que lê a partir das ilustrações que a acompanham (Bajard, 2021), levanta hipóteses sobre a escrita a partir do que conhece - num movimento de auto desenvolvimento do pensamento (Poddiakov, 1987), enfim, pensa sobre a escrita e vai sistematizando para si o conhecimento dos atos de ler e de escrever da cultura humana.

Esse processo se dá já na educação infantil onde a escrita é uma das cem linguagens das crianças (Malaguzzi, 1999). As crianças, ao utilizarem o crachá com seu nome escrito pelo adulto e ilustrado por ela - e por isso, inicialmente lido ou reconhecido por meio da ilustração -, compara a escrita do seu nome com a escrita no crachá dos seus colegas de turma e inicia aí uma investigação sobre a escrita. Por isso, Vygotsky afirma que seria natural apresentar a escrita na escola na idade pré-escolar desde que esta faça sentido na atividade feitas pela criança, ou seja, que se faça necessária para registrar vivências, comunicar algo a alguém, registrar desejos para ser realizados no futuro, produzir livros de histórias inventadas, enfim, para responder a motivos socialmente fundamentados para ler e escrever.

Mais tarde, a professora ou o professor pode organizar com a turma uma lista do que já sabem sobre a escrita e, desta forma, contribui para o processo de sistematização do grupo. Mas, vale a pena destacar, a atividade mais importante dessa sistematização é realizada pela própria criança que está em processo de apropriação da linguagem escrita.

As práticas adotadas por Freinet comprovam essa ideia em inúmeras situações pelo mundo afora em que as técnicas da Pedagogia Freinet são adotadas: as crianças aprendem naturalmente a ler e a escrever – compreendendo o que leem e expressando-se em suas produções – quando a cultura escrita é vivida por elas como um instrumento

cultural e não como uma tarefa escolar que chega como uma imposição pelas mãos dos adultos.

Durante muito tempo, em nossa vida profissional, nos faltavam elementos para compreender o processo de desenvolvimento humano e o processo relativo a como as crianças aprendem. Nesse tempo, o senso comum nos ensinava uma concepção de criança incapaz, que justificava uma pedagogia autoritária. Pouco sabíamos sobre o verdadeiro papel humanizador da educação e da escola, sobre o lugar dos aprendizes, do adulto e da cultura no processo de conhecimento. Hoje temos dois grandes aliados nesse percurso: Vygotsky e Freinet nos permitem compreender a beleza do processo de humanização e nos mostram instrumentos humanizadores para concretizarmos esse nosso novo conhecimento.

É uma questão de conhecer, experimentar e partir para o abraço.

As crianças brasileiras merecem e já se cansam de tanto esperar.

Referências

ARENA, D. B. *Eles leem, mas não compreendem. Onde está o equívoco?* Prefácio. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

BAJARD, E. *Eles leem, mas não compreendem. Onde está o equívoco?* São Paulo: Cortez Editora, 2021.

FREINET, C. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Estampa, 1975.

FARIAS, M. A. S. de, MELLO, S. A. A Escola como Lugar da Cultura mais Elaborada. *Educação: Revista do Centro de Educação da UFSM*. V. 35, n. 1. Jan/Abr. 2010.

MALAGUZZI, L. As Cem Linguagens. In: Edwards, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As Cem Linguagens da Criança*. Porto Alegre, Artmed, 1999.

PODDIÁKOV, N. – Sobre el problema del desarrollo del pensamiento en los preescolares. In: Davidov, V. e Shuare, M. (Orgs.) - *La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS (Antología)*. Moscou: Editorial Progreso, 1987.

VIGOTSKY, L. S. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In: *Obras Escogidas vol. III*. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKY, L. S. *7 Lições de L. S. Vigotski sobre os Fundamentos da Pedagogia*. (Orgs.) PRESTES, Z.; TUNES, E. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

PEDAGOGIA FREINET EM MOVIMENTO: CONCEPÇÕES, CONVICÇÕES E AÇÕES

Por Adriana Pastorello Buim Arena

Não se aprende a Pedagogia Freinet lendo um livro, nem tampouco lendo todos os livros indicados no mural desta publicação. Ler os escritos de Freinet é evidentemente importantíssimo, porque é o passo inicial e essencial para se conhecer a Escola Moderna por ele proposta. Entretanto, para que esse aprendizado se torne infinito, é preciso ler em cooperação, ou seja, ler os textos e conversar sobre seus temas em um grupo de professores, ou mesmo em dupla, desde que os envolvidos queiram experimentar ações pedagógicas distantes das tradicionais. Mas fazer isso também não é chegar ao fim! Junto com a leitura e com a troca em grupo é preciso pôr essas experimentações em prática. Este é o caminho pelo qual um professor pode se tornar um freinetiano, isto é, em movimento cooperativo do trabalho. Passo a explicar por que, para se tornar um freinetiano, a triangulação ininterrupta destas ações – ler, trocar ideias em grupo, pôr em ação uma atividade pedagógica – é necessária.

Em primeiro lugar, deve-se compreender que a pedagogia Freinet é baseada em princípios e não em um método, embora Freinet (1896 – 1966) tenha escrito, em três volumes, o que nomeou *Método Natural*. O leitor perspicaz, atento ao contexto histórico em que a obra foi publicada, logo perceberá que o uso do termo *Método Natural* foi a forma que ele encontrou para se contrapor a tantas publicações sobre métodos tradicionais divulgados em sua época. Para afastar dúvidas, é preciso empregar uma expressão contundente: **a pedagogia de Freinet não formula um método!** Se a pedagogia Freinet fosse um método, bastaria as docentes seguirem seus passos indicados em qualquer lugar do mundo, sem necessidade de estudos aprofundados, como é possível fazer com o método silábico ou com o método fônico, por exemplo. Mas como a pedagogia Freinet lançou princípios fundantes de uma Escola Moderna, isso exige muito mais que aprender os passos sequenciais de um método. Não é possível seguir instruções. É preciso compreender os princípios, pois disso vem a necessidade de troca

de ideias em grupo de docentes com o objetivo de uma construção conjunta e cooperada de práticas, com fundamentação teórica, a serem experimentadas em sala de aula, amalgamadas aos princípios defendidos pela escola do povo.

Em segundo lugar, deve-se compreender que a pedagogia Freinet foi forjada no dia a dia de um professor primário, que atuava em classes formadas por filhos de trabalhadores, e não por acadêmicos em universidades. Não foi fácil para Freinet, filho de modestos camponeses, sair da condição do trabalho rural para a vida do magistério, assim como atualmente não é e não foi fácil para muitos de nós, que ocupamos os espaços e o trabalho da docência, sairmos da faxina, da roça, dos serviços gerais.

Este é mais um motivo pelo qual defendemos e praticamos a Pedagogia Freinet, porque ela realmente tem os fundamentos de uma escola do povo que luta por igualdade de direitos. Nós, docentes, também somos da mesma classe social das crianças que frequentam a escola pública. A partilha de ideias, em vez do isolamento, foi que levou Freinet a criar o movimento de professores que se estendeu por toda a França e por todo o mundo. Não há professor freinetiano que não troque, que não compartilhe, que não peça ajuda! Não há professor freinetiano sem um grupo!

A escola que Freinet frequentou quando era criança - e depois como professor - tinha poucos recursos estruturais e pedagógicos. Nela eram oferecidos manuais empobrecidos e tendenciosos para ensinar a ler; as atividades para a aprendizagem da escrita eram impostas sem qualquer ação pedagógica que ensinasse à criança o enfrentamento contra o mundo opressor. Na escola primária, Freinet tinha aprendido a ler pelo silabário, fazia composições guiadas por cartazes; no magistério, redigiu muitos resumos das obras de grandes pedagogos. Como aluno, fez, obedientemente, sempre o que a escola exigia.

No entanto, como professor, Freinet não queria reproduzir para seus alunos a mesma escola

pela qual passara sua infância. Com sua profunda consciência de classe, ele buscava incansavelmente as ideias que circulavam pelo movimento da Educação Nova. Essa militância por uma outra escola fez nascer o professor que resistiu à imposição das regras que dificultavam o processo de ensino com sentido, ligado à vida das crianças. Ele criou uma nova forma de ensinar. Não compactuou com a escola idealizada pela elite controladora das necessidades do mercado, que considerava, e considera, o professor como instrutor e vigia para que todas as atividades programadas por pessoas situadas em empresas e em editoras sejam cumpridas em prazos determinados.

Em terceiro lugar, deve-se compreender que não existe Pedagogia Freinet sem vínculos estreitos com a comunidade fora da sala, sem ações de transformação da própria sala, da escola, do bairro. Para aderir ao trabalho idealizado e praticado por Freinet, é essencial deixar de lado o silabário, as composições sugeridas pelos cartazes, a cópia sem sentido, as atividades orquestradas pelo professor no tempo e no espaço limitado do caderno, para dar espaço à vida, aos projetos. Na roda de conversa diária, uma das técnicas Freinet, as crianças têm vez e voz. Elas têm o que dizer, sabem formular perguntas que nem mesmo o professor sabe a resposta. É um momento oportuno para planejar trabalhos coletivos e individuais que satisfaçam o desejo de aprender desse grupo especificamente, e, nesse projeto de trabalho escolhido por eles o professor pode ensinar os conteúdos exigidos pelo currículo nacional.

Então, é isso! Para se tornar docente freinetiana basta chamar outras professoras para fazerem parte da triangulação ininterrupta das ações de ler, de trocar ideias como um grupo, de pôr em ação uma atividade pedagógica.

Igualmente importante é refletir a respeito da organização do espaço da sala de aula e das atividades pedagógicas que impulsionam as crianças para a vida do trabalho, da elaboração de conhecimentos. Na pedagogia Freinet, a sala de aula é um local complexo organizado segundo os princípios da cooperação.

Em 1946, na revista *L'Éducateur* (*apud Dictionnaire de la pédagogie Freinet*, 2018, p. 242), Freinet escreveu:

Se quiser ter sucesso, você precisa de três coisas:

1. Organize sua aula tanto quanto possível em oficinas de trabalho (o que não significa em oficina de trabalho manual) com: marcenaria, ferraria, papelaria, costura, culinária, e também impressão, documentação, desenho, música, etc.;

2. Obtenha motivação permanente por meio da correspondência interescolar, cuja realização, segundo as nossas técnicas, envolve a publicação de um jornal escolar. Não pense que isso é secundário. Isso é essencial: sem essa motivação você será obrigado a ficar ou voltar ao sistema de aulas e trabalhos de casa. Pela correspondência, é estabelecida a tiragem impressa decisiva;

3. Organize o trabalho: o texto livre só é válido para nos indicar, pela manhã, o principal centro de interesse do dia. Mas isso não significa que não haverá outro trabalho durante o dia além daquele relacionado ao seu centro de interesse.

Neste boletim, seis professoras freinetianas relatam práticas pedagógicas cheias de vida e de participação das crianças. Nos relatos, será possível visualizar a concretização das três indicações dadas por Freinet para obter sucesso com a nova prática. Estes serão os temas apresentados: a organização da sala em ateliês de trabalho, o plano individual de trabalho, as aulas-passeio, a reunião de cooperativa e as correspondências.

Não seria conveniente explicar, nesta seção, de forma bem resumida, do que se trata a técnica do texto livre, da correspondência ou do jornal escolar, porque será a convicção do grupo de estudos, de que mudar é preciso, que levará seus integrantes a compreender as concepções freinetianas, entender seus conceitos e suas técnicas para promover ações representativas desta pedagogia.

De maneira muito pragmática, Freinet deixou em seus escritos uma lista de técnicas e de materiais com as orientações de como empregá-los na sala de aula, mas a Pedagogia Freinet não é programática! Não é um método! Ela opera, essencialmente, de acordo com o interesse da turma.

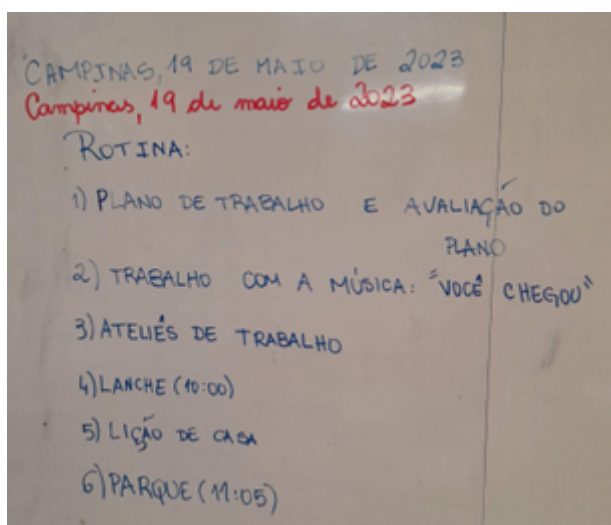
EU FAÇO ASSIM

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA SALA DE AULA EM ATELIÊS DE TRABALHO

Por Ana Flávia Valente Buscariolo

“Eu faço assim” ao chegar na sala de aula: entro com as crianças e, juntos, organizamos as carteiras em roda – a roda tem como objetivo fazer com que possamos olhar para o outro, atentamente, ouvindo o outro, em grupo.

Na sequência, escrevo – ou peço que uma criança escreva - a rotina na lousa, com o intuito de organizar o nosso dia, de situar as demais sobre o que acontecerá. Elas ainda estão aprendendo a linguagem escrita, por isso eu não peço que copiem essa rotina no caderno. Acredito que essa cópia não tem sentido, porque a informação ficará na lousa toda a manhã para que elas possam consultá-la e situar-se no tempo/espaço da sala de aula.



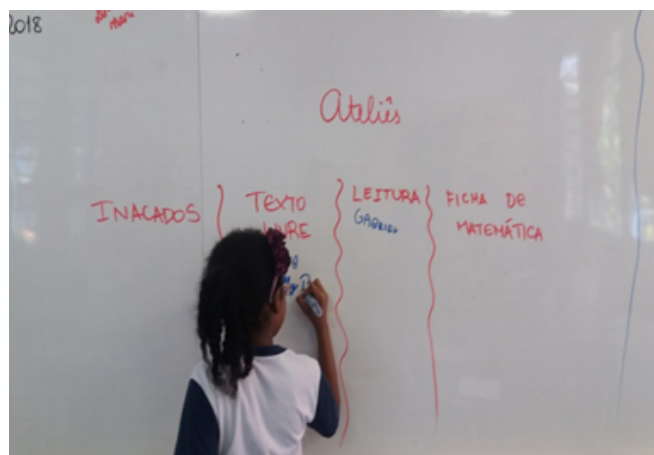
Fonte: Disponível no site <https://www.ecolefreinetvence.com/>

Depois da rotina, começamos o trabalho coletivo – chamo de trabalho coletivo os trabalhos quando todas as crianças fazem a mesma atividade ao mesmo tempo. Pode ser a correção coletiva de um texto livre, o registro de alguma pesquisa em andamento, a apresentação de algum conteúdo novo, como, por exemplo, do conceito de adição em matemática.

Após esse momento coletivo, chega a hora do lanche e recreio. Esse intervalo dura, em média, 30 minutos, acontece no refeitório, onde as crianças comem e, na sequência, dirigem-se ao pátio ou à quadra para brincar. Na volta do recreio, começamos a organizar nossa sala em ateliês.

As crianças vão espontaneamente até à lousa e marcam o nome na atividade que desejam realizar no momento

dedicado aos ateliês de trabalho. Na imagem a seguir, é possível ver uma aluna anotando seu nome no ateliê de texto livre. Essa é também uma forma de a professora visualizar onde estão os alunos durante a aula.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na segunda foto temos três alunos no Ateliê de pesquisa sobre os países.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Freinet definia os ateliês usando como metáfora a expressão “canteiro de obras”, porque todos se envolvem no trabalho.

Os ateliês são organizados, diariamente, de acordo com as necessidades da turma. São propostos diversos tipos de trabalho: Escrita – texto livre, texto com figuras, fichas de escrita (ortografia/gramática/organização textual),

digitação de textos; Matemática – fichário autocorretivo, problemoteca, jogos; Pesquisa – assuntos como Ciências, História, Geografia; Artes – diferentes técnicas de desenho, pintura, modelagem; Leitura – biblioteca de sala, com diversas obras. Normalmente proponho três ou quatro opções de ateliês por dia.

As regras do trabalho em ateliês são elaboradas pelas crianças, sob minha coordenação. Dessa forma, o trabalho pode fluir com mais autonomia, já que os combinados foram previamente estabelecidos pelo grupo.

A cooperação entre as crianças se evidencia durante os trabalhos em ateliês. É comum ver uma criança mais avançada ajudando a outra que apresenta alguma dificuldade. As habilidades individuais tornam-se valorizadas e o espírito cooperativo toma o lugar da competição: as crianças colaboram uma com a outra, ora ajudando, ora sendo ajudada. Elas têm a oportunidade de trabalhar com colegas segundo o projeto de trabalho: o que as une é o trabalho e não o nível de aprendizagem. Isto cria condições para trocas verdadeiras entre elas.

Como dito anteriormente, é importante destacar que, simultaneamente, na sala de aula, acontecem diversos ateliês. Cada criança escolhe, de acordo com seu Plano de trabalho e com sua meta, em qual ateliê irá trabalhar. Não há a obrigatoriedade de todos passarem por todos os ateliês. A exigência é combinada e mediada pelo professor, que avalia as necessidades de cada criança, como, por exemplo, se uma já domina o cálculo da adição, ela não será obrigada a trabalhar no ateliê de fichas específicas sobre esse assunto.

Por isso, temos o Plano de trabalho, instrumento que organiza as escolhas feitas pelas crianças, e que viabiliza a sistematização desse trabalho de uma forma coesa.

Plano de Trabalho		S	T	Q	Q	S
		2°	3°	4°	5°	6°
Escrita	Texto Livre					
	Ficha de Português					
Leitura	Leitura silenciosa					
	Ficha de interpretação					
Matemática	Atividade matemática					
	Ficha de Matemática					
Outros	Pesquisa					
	Desenho					
	Revisão do caderno					
	Jogos					
	Massinha					
	Artes					
Melhorar:						

Minha Avaliação

Professora

Família

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As crianças circulam livremente pela sala no momento dos ateliês, podendo, inclusive, terminado um trabalho, partir para outro. Isso torna a sala barulhenta e tumultuada aos olhos de quem não conhece a prática pedagógica que norteia esse fazer, mas esse suposto caos esconde uma organização de trabalho. Segundo Oliveira (1995, p. 139),

A classe “Freinet” é isto: um lugar de produção: tudo nela evoca o trabalho produtivo, até o vocabulário usado pelo educador: a classe é um “canteiro de obras”, ela se subdivide em “oficinas” onde é fundamental a presença de “ferramentas” e o uso de “técnicas” de trabalho.

Depois dos ateliês, organizamos a sala em fileiras (é dessa forma que temos que deixar a sala para as aulas do período da tarde). Verifico, então, o que cada criança fez, enquanto elas marcam, no plano de trabalho, as atividades que realizaram. No início do dia, elas planejam, e marcam uma bolinha na atividade que pretendem realizar; no final do dia, elas avaliam, pintando a bolinha da atividade que realizaram. Caso não tenham conseguido terminar a atividade escolhida, elas pintam metade da bolinha; assim, no dia seguinte, sabem que tem um trabalho inacabado a concluir.

Organizada a sala, plano avaliado e preenchido, passamos para a lição de casa. Entrego o material ou as crianças copiam da lousa as orientações dadas para a atividade que será realizada em casa.

No final de nosso dia, temos, ainda, um dos momentos mais esperados (e apreciados!) pela turma: a hora da leitura. Todos os dias está garantido, em nossa rotina, esse tempo de leitura, que pode ser de um livro escolhido por mim ou pelas crianças, de um texto de autoria de alguma criança, de uma notícia de jornal, de uma lenda, um conto, de uma parlenda, de uma poesia, enfim, uma multiplicidade de gêneros, para ampliar o repertório das crianças e instituir a prática da leitura.

Referência

OLIVEIRA, A. M. *Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica*. Papéis e Cópias de Botafogo e Escola de Professores, 1995.

EU FAÇO ASSIM

A NECESSIDADE DA CRIANÇA, O PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO E AS ESCOLHAS DOS ATELIÊS

Por Pollyanna Garcia Geraldo Fecchi

A criança é da mesma natureza que o adulto. Ela é como uma árvore que ainda não terminou seu crescimento, mas que se alimenta, cresce e se defende exatamente como a árvore adulta. [...] A criança age e reage conseqüentemente, e vive exatamente segundo os mesmos princípios que você. Não existe, entre você e ela, uma diferença de natureza, mas apenas uma diferença de grau.
(Freinet, Invariante nº 1)

Essa invariante escrita por Freinet nos ajuda a refletir sobre os modos de organização escolar, principalmente se nos propusermos a praticar uma educação que tenha por objetivo a emancipação dos sujeitos e o respeito à diversidade. Olhando para nós – os adultos – percebemos facilmente nossas necessidades, nossas vontades e as coisas que movem nosso espírito. Mas, quando olhamos para as crianças, é fácil nos deixarmos levar por uma anulação de suas vontades, por supormos saber sempre o que seria o melhor para elas. Temos, é claro, certa clareza sobre o processo de seu desenvolvimento e, por isso, nossa mediação é tão importante, mas, quando nos propomos a ouvi-las, a percebê-las, a considerá-las em seu desenvolvimento escolar, nos surpreendemos com o ponto de chegada.

Numa sala de aula freinetiana, o ouvido atento à palavra da criança deve ser constante, e, para nos ajudar nesse processo, alguns instrumentos elaborados por Freinet garantem momentos sistematizados na rotina cotidiana em que a criança assume o lugar de protagonista de seu processo de desenvolvimento.

O *Plano Individual de Trabalho* (PIT) é um aliado especial nesse processo. Nele, a criança planeja seus objetivos e os passos que precisa dar para atingi-los, considera seus desejos e, de modo especial, suas necessidades de aprendizagem no momento em que estabelece sua *meta semanal*.

Esta meta, inicialmente pensada individualmente por cada criança às segundas-feiras, torna-se o norte

para o planejamento da professora que, ao olhar para os objetivos e desejos delas, elabora o seu *Plano Semanal*. Neste momento, é importante que exista um cotejamento entre as metas estabelecidas e o currículo prescrito – há algum conteúdo prescrito no âmbito curricular que pode ser contemplado a partir das metas das crianças? – Isso nos auxilia a trazer tais conteúdos de maneira mais significativa e menos impositiva.

PLANO DE TRABALHO DE 12 A 16 DE Novembro DE 2022

NOME: _____

META SEMANAL: Pontuação

ATELIÊS	Letras	Pesquisa	Leva Livro	Texto Livre	Matemática
SEGUNDA				X	
TERÇA		X			
QUARTA				X	
QUINTA					
SEXTA				X	

AUTOAVALIAÇÃO	AValiação DA PROFESSORA	AValiação DA FAMÍLIA
EU ACHO QUE EU CONSEGUI CONQUISTAR MINHA META SEMANAL, MAS, QUANDO MEUS, POR QUE EU AINDA TENHO DIFICULDADE DE PRECISO DE AJUDA.	Parabéns, O plano é um sucesso! Como fazer mais atividades sobre isso. Beijos!	gostei que ele conseguiu com ele a meta semanal Porque seu filho fez um questionário e ele me respondeu tudo certo até fiquei surpresa com ele Seu papai Seu filho Mamãe!!

Exemplo de um plano Individual de trabalho

Neste exemplo, de um aluno que cursava o 5º ano do ensino fundamental em 2022, o objetivo a ser atendido naquela semana dizia respeito ao avanço nos conhecimentos sobre **pontuação**. A percepção sobre essa necessidade surgiu por parte do próprio aluno, porém, não sem antes termos refletido sobre a estrutura convencional de um texto de forma coletiva. Outro

fator importante para que ele chegasse à conclusão dessa necessidade foi a prática de ler os textos por ele produzidos para os outros colegas, em uma atividade semanal denominada *Roda de Textos Livres*. Nela, os alunos que produziram textos livres durante a semana realizam a leitura deles para seus colegas que, após uma escuta atenta, tecem comentários, elogios ou mesmo sugestões de melhorias para o texto.

É um momento primoroso de trocas, de desenvolvimento e mediação entre as próprias crianças. O aluno em questão havia lido vários de seus textos na Roda e tinha recebido sugestões sobre a pontuação em uma das ocasiões de leitura.



Roda de leitura de textos livres

Em sua autoavaliação semanal, ele nos disse: “Eu acho que consegui completar minha meta semanal, mais ou menos, porque eu ainda tenho dificuldade de fazer sozinho e preciso de ajuda”. Ele demonstra reconhecer seu avanço nesse conteúdo que, além de prescrito para sua idade/série, contemplava seu interesse pessoal. Percebe também que precisa avançar mais nesse conteúdo que é, de fato, complexo para aqueles que estão iniciando a estruturação textual de modo convencional.

Eu, sua professora, parabeneizei-o e apontei que: “o processo é esse mesmo!” e anunciei que já estava em nosso horizonte de trabalho explorar mais sobre o assunto.

A família, por sua vez, participou ativamente desse momento, realizando uma avaliação e afirmando que, de seu ponto de vista, o aluno tinha atingido o objetivo a que se propôs. Ainda em seu relato para além da sala de aula, nos disse a mãe: “fiz um questionário e ele me respondeu tudo certo. Até fiquei surpresa com ele!”.

É importante ressaltar que esse olhar direcionado aos interesses e às necessidades específicas

é facilitado pela organização do trabalho em Ateliês, que são momentos de atividade em grupos de trabalho diversos. Cada criança se inscreve a partir de seu interesse, observando sua meta semanal. Num mesmo agrupamento pode ser que haja crianças que estejam em grupos diversos de saberes (uma criança que já escreve textos autonomamente e outra que está em fase inicial de alfabetização, por exemplo), o que entendo ser positivo, pois novamente as ricas trocas entre elas acontecem.

Em minha experiência de trabalho, organizo e planejo os ateliês junto com as crianças, logo após estabelecerem suas metas. Pensamos juntos a respeito de quais ateliês contemplam os objetivos estabelecidos por eles e seguimos com esses grupos de trabalho durante a semana ou a quinzena, conforme a necessidade da turma. As crianças percorrem os ateliês combinados durante a semana e podem participar de mais de um ateliê por dia. Em alguns casos, a intervenção da professora é necessária para orientar sobre o ateliê mais adequado para aquele momento, sempre buscando com a criança a reflexão em relação à sua aprendizagem, ao momento em que se encontra e às suas necessidades específicas.



Exemplos de ateliês de Pesquisa e de Texto livre, respectivamente.

Organizamos os ateliês em diversos espaços da escola, ocupando os espaços externos à sala de aula como ateliês de leitura, produção de textos livres, pinturas, confecção de cartazes, pesquisas. Isso tudo dá vida ao espaço escolar.

Dentro da sala, organizamos também alguns grupos, aos que Freinet chamava “canteiros de obras”, repletos de trabalhos significativos e cheios de sentido, porque é um trabalho que coloca a criança no centro de seu processo de desenvolvimento.

EU FAÇO ASSIM

É PRECISO FORMAR AGORA O CIDADÃO DE AMANHÃ!

Por Cinthia Vieira Brum Lima

[...] os vossos filhos serão capazes de recitar de cor belas páginas musicais extraídas dos melhores autores burgueses, mas serão incapazes de compreender e de comentar um artigo de jornal e muito mais incapazes ainda de escrever uma carta, de redigir um relatório ou de tomar a palavra numa reunião. A escola preparou alunos. Esqueceu-se de preparar homens. Não se esqueceu: é de propósito que ela não prepara homens...
(Freinet, 1978, p. 298, grifo nosso)

No célebre livro de Élise Freinet, *Nascimento de uma pedagogia popular* - com o qual decidi iniciar nossa conversa - são apresentados vários trechos dos muitos artigos que Freinet escreveu durante sua trajetória, dos mais variados formatos, tamanhos e temas, nas mais variadas revistas pedagógicas da época, algumas produzidas por ele. Freinet escrevia para publicizar seus tateios, para denunciar a educação tradicional, como no trecho que escolhi, e para “apontar o espírito da educação profunda”, aquela que ele acreditava que deveria ser ministrada nas escolas públicas, nas palavras de Élise, sua companheira de vida e militância.

Também esta minha escrita busca esta direção: compartilhar e refletir um pouco dos meus tateios em sala de aula numa escola pública, nos anos iniciais do ensino fundamental, no interior de São Paulo, no tocante ao que podemos chamar de conselhos, assembleias ou reuniões de jornal de parede, e, quem sabe, inspirar outros professores com este trabalho.

Freinet, na citação acima, denuncia a escola que não prepara homens, e podemos compreender este “não preparar homens” como uma escola que não prepara cidadãos para participarem ativamente da construção da sociedade, para serem sujeitos passivos, e não ativos, que não conseguem ocupar seu lugar na tomada de decisões a respeito do que lhes concerne, preocupação também de Paulo Freire, que advogava “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (Weffort, 2019, p. 19).

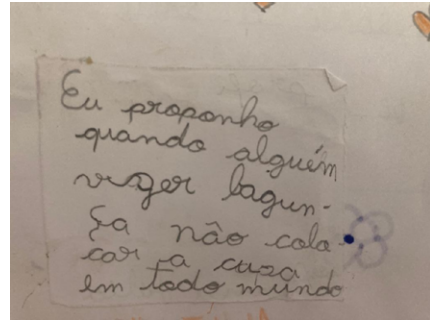
Assim, para formar esse cidadão particip(ativo), é preciso traçar estratégias aqui e agora, no chão da sala de aula, afinal, muitos de nossos documentos oficiais preconizam formar um sujeito crítico, para a cidadania e a participação, mas, na prática, que decisões e ações pedagógicas são feitas para realizar esse objetivo? Herdamos do modelo tradicional o autoritarismo. Nele, o professor toma todas as decisões, e, ao estudante, só cabe calar, obedecer, submeter-se. Ensina-se, assim, a submissão, tão conveniente a um determinado sistema político e econômico que não pretende rever-se.

A invariante 27 de Freinet advoga: “Prepara-se a democracia de amanhã pela democracia na Escola. Um regime autoritário na Escola não pode ser formador de cidadãos democratas.” Buscando cumprir este princípio, Freinet e seus companheiros elaboraram uma série de técnicas educativas. Falaremos aqui das reuniões de cooperativa, que, em suma, eram reuniões deliberativas com os estudantes a respeito das tomadas de decisões quanto às questões escolares, inclusive as financeiras. Durante essas reuniões, um momento privilegiado era a discussão do que aparecia no *Jornal Mural*, que convencionamos traduzir em nossa língua por Jornal de parede: um painel com espaço para críticas, sugestões, elogios e perguntas; durante a semana, os estudantes podiam escrever bilhetes a respeito de cada um desses aspectos e, conforme essas questões surgiam no cotidiano da turma e no dia da reunião, fazia-se a leitura, discussão e as propostas para lidar com cada uma das situações que surgiam.

A partir do momento em que iniciei minha trajetória de estudos a respeito da Pedagogia Freinet, e em contato com outras professoras do movimento, fui me encorajando para começar também as assembleias de Jornal de parede em minhas turmas. Ganhei de uma delas um painel de tecido, com 6 bolsinhos: nos quatro primeiros, está escrito “eu critico”, “eu felicito”, “eu quero saber” e “eu proponho”; nos outros dois, eu deixo os papéis em branco para que os alunos possam utilizar sempre que necessário.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O painel fica à disposição durante toda a aula, e os alunos podem escrever livremente, conforme surgem as situações a respeito de cada um desses aspectos. Temos alguns combinados: os bilhetes devem ser assinados, não devem conter xingamentos, e, quanto aos conflitos, devem ser levados para a discussão nas assembleias somente aqueles que os envolvidos não conseguiram realmente se entender e, assim, levam a questão para a discussão do coletivo.

Embora eu acredite que a reunião semanal seja a situação ideal – dura em média 2h/aula –, dependendo das condições concretas, durante minha trajetória, nem sempre conseguimos – eu e os estudantes – fazer nesta periodicidade. Em alguns anos acabamos realizando-a quinzenalmente, ou em outro intervalo de tempo, conforme a turma, as necessidades e possibilidades do momento. Ainda assim, é importante manter a constância, afinal é ela que vai garantir a consolidação de tantos aprendizados ao longo do tempo: “tomar a palavra numa reunião” – retomando a citação freinetiana que abre este relato, ouvir os colegas, respeitar os diferentes pontos de vista, expressar seus sentimentos com mais clareza, propor soluções aos conflitos, enfim, compor um ambiente cooperativo, um coletivo e nele conviver! Gosto de fazer a reunião na sexta-feira, porque já fica como um balanço da semana. Registramos a reunião no Livro da Vida ou em um caderno próprio.

Para esse registro, conforme detalhamos em Lima (2022), colamos cada bilhete que foi lido e discutido e procuramos registrar os combinados, de preferência na forma de uma ata para que sejam consultados e lembrados ao longo do tempo.

Retomei meus registros de 2019 e, neste ano, dei aula para um 4º ano que apresentava diversas situações conflituosas. Desta turma, tenho um registro muito interessante para compartilhar e para pensarmos sobre a questão do autoritarismo versus ambiente mais democrático e justo:

Nós professores participamos da reunião mediando as discussões, mas também podemos escrever bilhetes ou recebê-los. Aqui, a aluna A. propõe algo muito justo. Quantas vezes nós professores damos um sermão na turma toda por conta de uma situação difícil com um estudante ou um determinado grupo? Realmente essa situação está longe de ser adequada, além do que, como Freinet nos adverte – e nós verificamos no dia a dia –, verbalismos e sermões têm pouca eficácia. Me comprometi com a turma a rever minha atitude e mais uma vez pedi a colaboração deles no tocante à revisão de seus comportamentos. No lugar de sermões, propusemos e nos desafiamos a realizar a discussão coletiva das situações conflituosas nas reuniões de Jornal de parede, quando, juntos, professor e alunos, poderíamos pensar saídas. Para além dos conflitos, também há os espaços de felicitações, questionamentos e propostas discutidos e realizados na medida das nossas possibilidades. O que defendemos aqui é a ação de construir uma escola com – e não para – as crianças.

Referências

- FREINET, Élise. *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa: Estampa, 1978.
- LIMA, C. V. B. O jornal mural, reunião de cooperativa e caderno de registro. In: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. *Diálogos com a pedagogia Freinet: fundamentos e práticas em movimento*. São Carlos: Pedro e João editores, 2022.
- WEFFORT, F. C. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*, 45ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 2019.

AULA PASSEIO: DESCOBERTAS E ALEGRIAS

Por Suellen Aparecida de Carvalho Rela

Sou professora da educação básica na rede pública municipal de Itatiba e doutoranda em educação pela Universidade São Francisco. Minha relação com Freinet teve início em 2020, quando acompanhava um grupo de estudantes de pedagogia que teve a oportunidade de realizar estágio supervisionado em uma unidade escolar de uma cidade da região metropolitana de Campinas, durante a pandemia COVID-19.

Desde então, comecei a participar de um grupo de trabalho denominado *GT Freinet*, com professores da rede municipal de Campinas, que, em virtude do isolamento social, passou a ser remoto e a contemplar professores de diferentes municípios e sistemas de ensino. Meu primeiro contato com a pedagogia Freinet foi com a obra *Nascimento de uma Pedagogia Popular*, de Élise Freinet, por meio das leituras compartilhadas, refletidas e discutidas quinzenalmente no GT. Foi também nesse GT que pude ouvir diferentes experiências sobre as práticas desenvolvidas em sala como os ateliês, as rodas de conversa, o jornal de parede, as aulas-passeio e as correspondências interescolares.

Venho gradualmente me apropriando e conhecendo um pouco mais de cada uma delas, e, ao ingressar no doutorado, pensamos, a minha orientadora Daniela Anjos e eu, em utilizar as técnicas Freinet como instrumentos de construção dos dados da pesquisa, de abordagem qualitativa, tendo como pressuposto teórico a perspectiva histórico-cultural. Dentre elas, compartilho com vocês uma proposta de aula-passeio desenvolvida em uma sala de segundo ano do ensino fundamental.

Freinet sempre ressaltou que não criou um método, mas um *movimento* de professores que tinha como objetivo principal promover atividades enriquecedoras, significativas, ligadas à vida no processo de aprendizagem dos alunos e, fundamentalmente, compartilhá-las com outros professores para que eles pudessem aprimorá-las.

Uma aula-passeio será sempre nova, única e singular a cada vez que acontece. A técnica da aula-passeio é um instrumento que conduz as crianças para

novas descobertas e, conseqüentemente, ao interesse em ler sobre o novo e escrever sobre ele. É um motor para a leitura e a escrita vinculadas a necessidades reais de conhecimento, provocadas pelo passeio fora da escola.

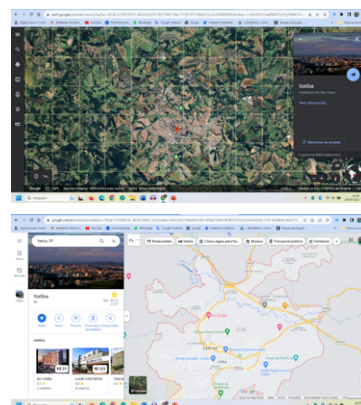
Qual aula-passeio fazer com minha turma?

Nenhum livro didático pode propor uma aula-passeio para sua turma. É no grupo, crianças e professora, que a necessidade surge. Conto qual foi a minha trajetória, mas alerto que cada turma terá a sua própria.

Um dos conteúdos prescritos pelo currículo municipal envolvia o trabalho com representação e pensamento espacial: pontos de referência.

A proposta inicial de atividade foi identificar, junto às crianças, o caminho percorrido de casa à escola, identificando alguns pontos de referência. A primeira situação didática foi realizada pelo aplicativo *Google Maps*, com o auxílio do monitor de informática da unidade escolar. Passeamos virtualmente pelas ruas e bairros próximos da escola e das residências dos alunos. A sala dispunha de TV e acesso à internet.

Em tempos de pandemia ou em situações em que não podemos levar nossos alunos fisicamente para o espaço escolhido, o uso de ferramentas que a sociedade dispõe é um exemplo de como trazer a vida para a escola. Outro programa também muito bom e utilizado para realizar projetos de visita é o *Google Earth*. Entretanto, nada substitui o contato físico com o local.



Durante o uso do aplicativo, um dado chamou a atenção dos alunos. Eles ficaram agitados, inconformados, quando perceberam que as imagens não correspondiam exatamente com as que viam quando andavam pelos ruas do bairro. Isso se deveu ao fato de a última atualização do aplicativo ter sido de 2011. Maior espanto manifestou-se quando um aluno percebeu que o *Google Maps* ainda não apresentava sua residência, que havia sido finalizada em 2015.

Essa é a primeira grande vantagem de usar os mesmos materiais de pesquisa, de leitura e de escrita que existem na sociedade: o tema é vivo e de interesse de todos! A aprendizagem está ancorada no uso social.

O confronto entre os registros do *Google Maps* e a planta baixa das crianças

Diante do impasse, sugeri aos alunos que cada um fizesse um croqui que representasse o caminho percorrido de casa até à escola. Todos os croquis seriam compartilhados e analisados para construir uma ideia mais concreta e atualizada do bairro em relação àquela mostrada pelo aplicativo. Todos estavam atentos e comprometidos em fazer com precisão os registros.

Após a partilha dos registros realizamos o passeio pelo bairro, muito aguardado por eles, e, por ser tão aguardado, era terreno fértil para encontrarem coisas não vistas no plano virtual. É preciso preparar a aula-passeio; é preciso ter um motivo.

O trajeto englobou as principais ruas da comunidade e proximidade da escola, o que, juntamente com os croquis realizados, propiciou aos alunos a reflexão sobre a transformação que a escola e as imediações onde residiam passaram ao longo do tempo.

As curiosidades, as perguntas, as dúvidas que o passeio provocou impulsionaram conversas com as famílias. Os alunos realizaram entrevistas com os familiares, que, por sua vez, narraram um pouco sobre como era a cidade, o bairro e o entorno da escola em tempos idos. Tudo isso suscitou nos alunos a reflexão sobre a transformação e o progresso da cidade e do bairro ao longo do tempo.

As crianças, tão novas, não sabiam da história, mas se apropriaram de um saber acumulado por gerações precedentes.

Essa é a segunda grande vantagem de deixar os livros didáticos de lado e planejar as aulas com os

eventos que acontecem na vida. A aula-passeio provocou a necessidade de se entrevistar pessoas para saber mais sobre seu espaço, sua cultura local. Entrevistar exige trabalho da linguagem oral, trabalho com a linguagem escrita. A vida oferece os verdadeiros enunciados que devem ser escritos e lidos, porque têm sentido.

Barros e Vieira (2019, p. 90) sinalizam que vivências como a aula-passeio possibilitam aos alunos e alunas a experimentação do “novo” e a reflexão do “velho” para a construção das indagações sobre as coisas, porque é isso que “move a vida”, dentro ou fora do espaço escolar.

Para Sampaio (1996, p. 179), “a aula-passeio propicia ao aluno uma maior autonomia ao vivenciar situações reais, porque ele assume novas responsabilidades, descobre suas próprias capacidades em situações desconhecidas, amplia seu campo de investigações, e chega a descobertas múltiplas, inesperadas e interessantes. As aulas-passeio oferecem encontros diferentes daqueles do dia-a-dia na escola monótona, aquela da sala, da carteira e da lousa. Ao contrário, elas promovem uma troca afetiva e uma tomada de consciência de valores sociais importantes para a vida de todos”.

Com a aparente simplicidade da atividade, foi possível buscar novas situações de aprendizagem em que os alunos puderam desenvolver suas observações, indagações, motivações, questionamentos, interesses e curiosidade.

Referências

BARROS, F.C.O.M. VIEIRA, A.M.S. de. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior. *Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)*, Itapetininga, v. 4, n.4, p. 79-91, out./dez., 2019.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker F. A aula passeio transformando-se em aula de descobertas. In: ELIAS, Marisa D. C. (Org.). *Pedagogia Freinet: teoria e prática*: Campinas, SP: Papirus, 1996.

EU FAÇO ASSIM

CORRESPONDÊNCIA: OS “BRASIS” DAS CRIANÇAS EM CARTÕES POSTAIS

Por Eliete Rachel Bulhões Dias Bertoni

Sou professora de Arte há muitos anos. Na escola pública, descobri Freinet. Tive olhos sensíveis para ver esse pedagogo, porque ele e eu tínhamos motivações bem parecidas, as de construir uma escola do povo de qualidade. No cotidiano da minha prática pedagógica e artística, me aprofundi ainda mais nas técnicas que Freinet usava com seus alunos para abrir as portas da sala de aula para a VIDA entrar. E, nesta seção, quero contar para vocês, professores, que também têm interesse em deixar a vida pulsar no trabalho escolar, uma experiência que tenho feito com diferentes classes: a da correspondência escolar de Arte Postal. Aqui mostro uma experiência com 7º ano, mas podemos fazer o mesmo trabalho com crianças bem pequenas.

Os objetivos da atividade com os cartões postais eram dois: o de que meus alunos se reconhecessem brasileiros e percebessem como o nosso Brasil é diverso, e, por isso mesmo, deve ser valorizado e respeitado; e o de ampliar as fronteiras das nossas vivências pedagógicas e artísticas para além da sala de aula, porque, segundo Freinet (1966, p. 296), “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola”.

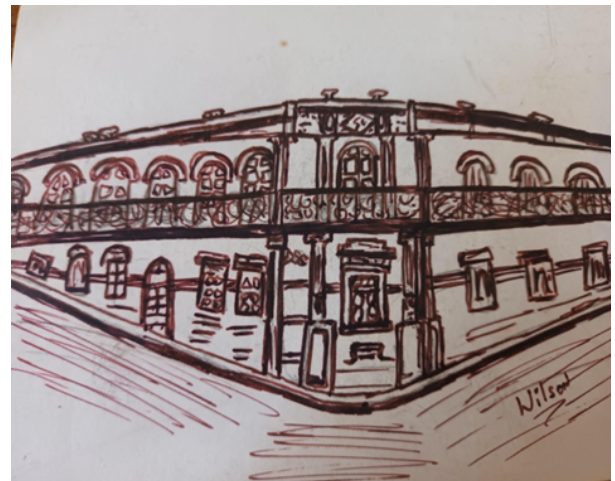
Sendo assim, dei o primeiro passo: encontrar escolas de várias regiões brasileiras que trocassem imagens da sua própria região, e nossos alunos fariam o mesmo representando a nossa cidade, Campinas, interior de São Paulo, e região. Fiz vários convites por e-mail, e até mesmo por telefone, inclusive para escolas em que eu não conhecia pessoa alguma. Recebi resposta positiva de Manaus, de Uberlândia e de Foz do Iguaçu.

Em seguida, projetei para os meus alunos imagens de vários pontos turísticos e especiais da nossa região e convidei-os a escolherem um para representar da maneira que quisessem, usando das possibilidades técnicas oferecidas, com a que o aluno mais se identificasse.

Prontos os postais, enviamos pelo correio para Manaus, Foz do Iguaçu e Uberlândia. Tempos depois, recebemos deles a tão esperada correspondência com imagens maravilhosas de outras regiões brasileiras, tão distintas da nossa. Um show de imagens com as

quais todos nós pudemos ampliar, e muito, o nosso repertório pessoal.

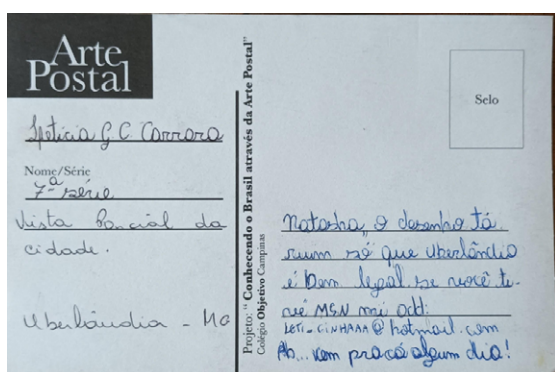
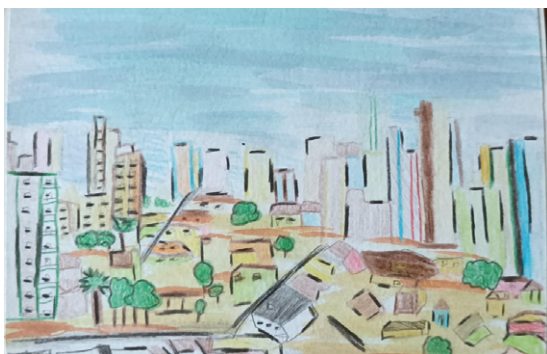
A seguir, insiro imagens criadas pelos alunos. A primeira é a do Palácio dos Azulejos, que há muito tempo atrás foi o prédio da prefeitura de Campinas. A segunda representa o Teatro de Arena de Campinas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Assim como essas imagens, todas as outras foram enviadas para os correspondentes, que puderam conhecer um pouco da nossa região pelo olhar artístico dos adolescentes.

Destaco, nas imagens abaixo, um postal, frente e verso. Não apenas as imagens chegaram aos correspondentes, mas também palavras plenas de significados e sentidos.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Percebam como a aluna fez uma imagem ousada, porque foi capaz de captar a essência das formas, e, mesmo sendo uma imagem tão brilhante, seu trabalho corre o risco de ser desvalorizado, como é muito comum acontecer com alunos dessa faixa etária. Esta situação pode abrir espaço para uma profunda e rica RODA DE CONVERSA.

Arte e Freinet, juntos, promovem, com essa vivência, a autodescoberta e maior conhecimento da individualidade e dos potenciais de cada um. Para Freinet (*Apud* Elias, 2004, p. 90), "O principal fim da educação é o crescimento pessoal e social do indivíduo, elevar a criança a um máximo de humanidade preparando-a não apenas para a sociedade atual, mas para uma sociedade melhor, fazendo-a avançar o mais possível em conhecimento num constante desabrochar." A Arte tem papel fundamental no desenvolvimento do olhar cuidadoso e sensível do homem.

Apresento, na coluna ao lado, alguns dos postais que recebemos das crianças do Amazonas, de Minas Gerais e do Paraná. Não trocamos apenas imagens, mas conhecimentos sobre os nossos muitos Brasis, ampliamos o imaginário riquíssimo sobre a diversidade brasileira, sentimos a troca amiga, cheia de afeto, com convites para passarmos férias com os novos amigos, distantes em quilometragem. Nossos alunos se envolveram, criaram expectativas de vida para, num futuro, quem sabe próximo, conhecer outras realidades.

Limitados pelo espaço e pela impossibilidade de conhecer de fato todas as diversidades culturais e regionais brasileiras, usamos os recursos tecnológicos que nossas escolas municipais de Campinas possuem e, virtualmente, fizemos muitas aulas-passeio, uma das técnicas da pedagogia Freinet. Por meio de fotos e vídeos projetados na lousa foram apresentadas para os nossos alunos não apenas a nossa própria cidade, que eles desconheciam, mas todas as regiões brasileiras.

Articuladas ao projeto de Arte Postal, foram criadas artisticamente imagens representativas de cada espaço regional do nosso Brasil. Esta experiência ampliou o repertório pessoal dos alunos e os levou ao sentimento de pertencimento a um país diverso e à descoberta da sua identidade brasileira.

Referência

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

CORRESPONDÊNCIA INTERESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TROCA DE CARTAS, TROCA DE CONHECIMENTO

Por Isabela Ramalho Orlando

A correspondência interescolar é uma prática inspirada na Pedagogia Freinet, que consiste na troca de correspondências entre turmas de diferentes escolas. Dentre as muitas técnicas e práticas criadas por Freinet, a correspondência é uma atividade que contribui para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que dá às crianças a oportunidade de serem autoras e realizarem trocas com um interlocutor real.

A experiência de serem autores de suas cartas chegou às crianças da Turma da Tartaruga, da EMEI Neusa Carón, escola pública do município de Paulínia-SP. Em 2022, a turma engajou-se na troca de cartas com crianças da Turma Feliz, do município de Campinas. As professoras de ambas as turmas inspiram seu fazer docente na Pedagogia Freinet e se conheceram em um grupo de estudos sobre o autor. A partir deste contato, foi possível iniciar a troca de cartas.

A primeira carta foi escrita pela Turma da Tartaruga, e, para disparar a conversa, a professora fez a leitura do livro “O carteiro chegou” durante um momento de Roda de Conversa. A professora mostrou a figura do carteiro na capa do livro e perguntou quem era aquele personagem. Algumas crianças disseram que “era do correio” ou “era o carteiro”. Em seguida, a professora questionou “e o que ele faz?”, e uma menina respondeu prontamente: “Traz encomenda!”

O diálogo continuou e foi seguido da leitura da história, que possibilitou às crianças relembrarem outros tipos de materiais entregues pelos carteiros. Ao final da leitura, a professora contou à turma que tinha uma colega que era professora em outra escola e que as duas haviam pensado na possibilidade de as turmas se conhecerem e conversarem por meio de cartas.

Desta maneira, a professora convidou as crianças a entrarem neste projeto, perguntando se

elas gostariam de escrever cartas para colegas de outra escola. A turma aceitou o convite com alegria e sem hesitação!

O passo seguinte foi a escrita da carta. Por serem crianças da educação infantil, ainda não alfabetizadas, a professora conversava, explicava aos alunos o que escrevia e como escrevia. Em roda, a professora organizou a conversa com as crianças da turma para decidir quais conteúdos entrariam na carta e como o texto seria escrito.

É válido destacar que este processo já era familiar para as crianças, porque era utilizado em outros momentos, como registros em álbuns de pesquisa ou no Livro da Vida, ambos instrumentos da Pedagogia Freinet.

Nessa escrita coletiva, as crianças decidiram que apresentariam a turma para os correspondentes, contando os nomes das crianças e narrando alguns fatos da rotina na escola. Relataram, também, que haviam feito, com garrafa, um foguete que voava de verdade. Em seguida, a professora sugeriu que fizessem perguntas sobre o que gostariam de saber a respeito da Turma Feliz. E, para finalizar, houve uma discussão sobre como seria a forma de despedida na carta. A primeira sugestão foi “um beijo”, e logo veio a ideia de acrescentar “a gente ama vocês”, mas esta sugestão foi desencorajada por uma criança que disse “ah, não, a gente ainda nem conhece eles!”

Desse modo, a carta foi encerrada com “Um beijo da Turma da Tartaruga”. As crianças quiseram ainda ilustrar algumas das informações, e esses desenhos foram anexados à carta. A professora fez o processo de endereçamento do envelope junto com a turma, e a carta foi enviada por correio.

Quando a carta chegou até a Turma Feliz, a professora de Campinas enviou fotos do momento da leitura para professora de Paulínia, que, por sua vez, compartilhou a notícia e os registros com as

crianças. Depois disso, houve algumas semanas de aguardo e expectativa, até que a primeira resposta chegasse.

Imagem 1: Carta e ilustração do campo de futebol

A GENTE TEM UM PÉ DE MARACUJÁ, MAS ELE ESTÁ UM POUCO QUEBRADO. E OUTRA PLANTA TAMBÉM.
 NÓS ESTAMOS ESTUDANDO COISAS QUE USAM. SEMANA PASSADA, FIZEMOS UM FOGUETE DE GARAFA, COM VINAGRE E BICARBONATO DE SÓDIO.
 A GENTE BRINCA NA AREIA. E A GENTE TEM PAAQUINHO E CASINHA. A GENTE TEM QUEBRA-CABEÇA, MASSINHA, FUTEBOL, LOUSA E BIBLIOTECA. A GENTE USA UM TABLET PARA FAZER PESQUISA. A GENTE TAMBÉM BRINCA DE JOGO DE CHÃO E DESENHA.
 A GENTE LAVA A MÃO NA VARANDA DA SALA. A GENTE FAZ PINTURA E USA CAIXINHA PARA FAZER CARRO, DRAGÃO E MONSTRO.
 E VOCÊS? COMO CHAMAM? DO QUE VOCÊS BRINCAM? VOCÊS FAZEM PESQUISA SOBRE SEJA FELIZ?
 UM BEIJO DA TURMA DA TARTARUGA!
 15/08/22



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O recebimento da carta foi um momento de muita alegria e festejo para a Turma da Tartaruga! Na EMEI Neusa, haviam sido instaladas caixas de correspondência em cada sala e, quando uma criança noticiou, empolgada, que havia um envelope lá dentro, toda a turma logo comemorou com pulos de alegria.

Em sua primeira resposta, a Turma Feliz se apresentou e respondeu às perguntas feitas pela Turma da Tartaruga. A professora fez a leitura de todo o material enviado e as crianças puderam manipular o conteúdo da carta. Juntamente com as cartas, foi enviado um álbum de desenhos e fotos da turma, com pequenos textos narrando o cotidiano daquelas crianças. Esse livro ficou disponível na biblioteca da sala e era relido com frequência pelas crianças em momentos de ateliês.

A Turma Feliz, ao redigir sua carta, fez um pedido à Turma da Tartaruga: que os ensinassem a fazer um foguete que voasse de verdade. Desse modo, a Turma da Tartaruga engajou-se não somente na escrita da resposta da carta, mas também na confecção de um manual de instruções sobre como fazer o foguete.

Ressalta-se que nas trocas reais surgem verdadeiros motivos e necessidades de práticas de escrita. Foi a prática da correspondência que possibilitou que as crianças conhecessem e escrevessem textos de diferentes gêneros discursivos. Os enunciados dos outros provocam necessidade de respostas e isso enriquece o processo de alfabetização.

Imagem 2: exemplo do texto instrucional ilustrado



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Da mesma forma que a Turma da Tartaruga ensinou a Turma Feliz a fazer um foguete, esta última ensinou as crianças de Paulínia a brincar de “gato e rato”. Esses episódios ilustram que a prática da correspondência escolar vai além de uma troca de cartas, envolvendo também a troca de conhecimentos, de experiências e proporciona atividades diversas às crianças envolvidas no processo de confecção dos materiais a serem enviados.

O envio das cartas continuou seguindo esses moldes até o final do ano letivo, quando as turmas se despediram e trocaram algumas lembranças. Havia o desejo de realizar um encontro presencial entre as turmas, mas não foi possível por questões financeiras e burocráticas. De todo modo, esta é uma ideia que deve ficar para os professores que lerem este texto e se inspirarem com as cartas trocadas entre a Turma Feliz e a Turma da Tartaruga.

MURAL

No Brasil, podemos conhecer a pedagogia Freinet pelos livros traduzidos para o português. São eles uma larga porta de entrada para termos acesso à pedagogia revolucionária ainda praticada na Escola Freinet de Vence, França, e em muitos países. Entretanto, há muito mais para ser lido e que ainda precisa ser traduzido para alargar mais a porta. Muitos livros de Célestin estão disponíveis em português, mas apenas dois dos escritos por Élise, sua esposa. A tradução deles é uma tarefa a ser feita. Os livros aqui apresentados já estão esgotados, mas em grandes sebos é possível encontrá-los.



Neste mosaico de cores e de palavras o leitor encontrará inspiração e sustentação teórica para desenvolver práticas humanizadoras e emancipatórias.

A seguir, há indicações de sites franceses nos quais se encontram muitos materiais digitalizados, de edição impressa já esgotada, e práticas atuais de professores que seguem a proposta freinetiana. São fontes ricas de informação para serem exploradas, lidas, traduzidas e cultivadas.

ICEM – Instituto Cooperativo da Escola Moderna –
Pedagogia Freinet

<https://www.icem-pedagogie-freinet.org/node/8309>

FIMEM - Federação Internacional de Movimentos
da Escola Moderna – Célestin Freinet

<https://www.fimem-freinet.org/>

Les Amis de Freinet

<https://asso-amis-de-freinet.org/>

Vídeo - Freinet narra a reinvenção da escola
a partir de seus tateios e descobertas.

<https://www.youtube.com/watch?v=0CKDEd-GCaQ>



Expediente e atendimento ao leitor pelo site: <https://nahum-lescrever.com.br/>

Todos os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ou imagem aos responsáveis por este boletim. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.